

TEMPO E REPETIÇÃO NA TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Cristiano Mendes
Henrique Furtado

Resumo

O presente artigo analisa os conceitos de estrutura do Neo-Realismo e Pós-Estruturalismo das Relações Internacionais. Relacionando tais conceitos com as noções tradicionais e alternativas de tempo, demonstra-se como neo-realistas precisam de categorias temporais não conservadoras para sustentar sua lógica estática, ao passo que o pós-estruturalismo atribui sentido ao "eterno movimento" assumindo noções de tempo tradicionais. Desta forma, pretende-se mostrar como cada abordagem mantém sua coerência interna a partir da adesão tácita à categorias conceituais que lhe são externas.

Palavras-Chave: Teoria das Relações Internacionais; Pós-Estruturalismo; Neo-Realismo; Estrutura; Ontologia; Temporalidade.

Abstract

The present paper analyses the concepts of structure from Neo-Realism and Poststructuralism in International Relations. Relating those concepts with the traditional and alternative notions of time, we demonstrate how neo-realists need the adoption of non-conservatory temporal categories in order to support its static logic, while Poststructuralisms conceives the "eternal movement" as meaningful by accepting traditional notions of time. In this sense, we intend to demonstrate how each one of the approaches can only keep its internal coherence by tacitly accepting conceptual categories external to its own logic.

Keywords: Theory of International Relations; Poststructuralism; Neo-Realism; Structure; Ontology; Temporality.

Nur wer sich wandelt, bleibt mit mir verwandt.
Nietzsche

Some events represent change, others are mere repetition.
Waltz

Introdução

O presente trabalho procura analisar e comparar conceitos utilizados nas abordagens Neo-Realistas e Pós-Estruturalistas em Relações Internacionais. A partir do estudo da ideia de tempo e repetição – bem como da relação entre estes termos e as noções de estrutura e ontologia – o artigo busca mostrar como diferentes sentidos dados a estas variáveis tornam também distinta a aplicação das mesmas pelas duas abordagens citadas.

Partindo de noções mais tradicionais¹ de tempo este artigo mostra como as abordagens Neo-Realistas anulam a noção deste fluxo constante para criar a ideia de uma estrutura atemporal. De forma oposta, o Pós-Estruturalismo, com o objetivo de relativizar a possibilidade de instâncias atemporais, adota categorias temporais conservadoras. Enquanto o Neo-Realismo gera a noção de essência pela anulação das variáveis temporais tradicionais, o Pós-Estruturalismo rejeita ideias ontológicas ressaltando a mudança constante dos fenômenos.

Procuramos neste trabalho analisar como, tanto para o Neo-Realismo, quanto para o Pós-Estruturalismo, existe sempre a necessidade de, em algum momento, trabalhar com conceitos alheios à sua própria lógica. Enquanto o Neo-Realismo precisa, em determinados momentos, ignorar as noções de tempo mais tradicionais, o Pós-Estruturalismo tem como imperativo a aceitação de noções mais conservadoras sobre os conceitos temporais. Mais que simplesmente identificar as diferenças de sentido conceituais utilizadas pelas duas abordagens em questão procuramos mostrar como nenhuma destas duas perspectivas consegue ignorar por completo determinadas categorias de análise presentes nas visões de seus concorrentes teóricos.

Neo-Realismo e a noção de estrutura

As abordagens teóricas do Neo-Realismo sobre o ambiente internacional expandiram-se no decorrer da década de 80 do século XX. A publicação da obra "Teoria das Políticas Internacionais", de Waltz, em 1979, é considerada o início deste novo tipo de realismo². Sem abandonar os princípios do Realismo Clássico de Carr e Morgenthau, o Neo-Realismo de Waltz primou por uma abordagem mais cientificista, minimalista e com maior foco na estrutura do sistema internacional, se comparado com o Realismo Clássico. Aliás, é justamente no aprofundamento da ideia de estrutura que Waltz pode expandir, de forma considerável, os estudos realistas sobre o ambiente internacional complementando, assim, as análises dos autores que o antecederam. Para Waltz (2002):

¹Entende-se aqui, por noção tradicional de tempo, o pressuposto historiográfico de que a realidade está em constante movimento, e que isto gera mudanças significativas na semântica dos fenômenos históricos. Este movimento, além de aceitar a metáfora da linearidade como representativa deste fluxo, também tem como pressuposto a possibilidade de delimitação entre o passado, presente e futuro. Além disto, esta noção mais conservadora de categorias temporais, também adota como princípio a noção de início através da ideia de fundação. Se tudo se move, de forma constante, a presença de um momento fundador torna-se inquestionável. De acordo com Fasolt (2004): "Our attitude toward the past is governed by three principles: 1. The past is gone forever; 2. To understand the meaning of a text, you must first put it in the context of its time and place; 3. You cannot tell where you are going unless you know where you are coming from" (p. IX).

² Ao lidarmos com as abordagens Neo-Realistas, verificamos que dois autores sobressaem-se na produção acadêmica a partir desta perspectiva: Waltz e Mearsheimer. Como a obra de Waltz trata de forma mais específica o conceito de estrutura do Sistema Internacional, optamos por utilizar os trabalhos do mesmo como representativo da abordagem Neo-Realista.

[...] definir uma estrutura requer ignorar como as unidades se relacionam entre si (como elas interagem) e concentrar a atenção na sua posição umas em relação às outras (como estão organizadas ou posicionadas). As interações, como tenho insistido, acontecem ao nível das unidades. Como as unidades se colocam umas em relação às outras, a forma como são organizadas ou posicionadas, não é uma propriedade das unidades. A disposição das unidades é uma propriedade do sistema (p. 115).

A estrutura waltziana, é essencialmente composta por três partes: (1) o princípio ordenador, (2) a diferenciação funcional das unidades e (3) a distribuição das *capabilities*. No ambiente internacional da atualidade, teríamos um tipo de estrutura com princípio ordenador anárquico; com baixa diferenciação funcional, devido à própria configuração da mesma e, por fim, com grande assimetria na distribuição de *capabilities* (WALTZ, 2002).

Seguindo a tendência estruturalista, vinda da década de 50 do século XX, Waltz verificou que o entendimento das ações estatais passaria, inevitavelmente, pela análise da inserção dos mesmos na estrutura do Sistema Internacional. Esta estrutura, segundo o autor, não tem a capacidade de determinar com precisão quais serão as decisões tomadas pelos Estados, mas gera determinados constrangimentos às ações dos mesmos, o que torna possível identificar possíveis sanções relativas a cada linha de ação escolhida pelos atores internacionais.

Esta noção de estrutura do Neo-Realismo vai ao encontro dos conceitos de estrutura utilizados em outras áreas de conhecimento adeptas do estruturalismo de origem saussureana³. Seriam estruturas logicamente fechadas, estáveis em seus sentidos e inertes na sua existência⁴. A análise da mesma permite vislumbrar uma tendência coerente de constrangimentos sistêmicos que induz as ações das unidades, de acordo com a localização e *capabilities* das mesmas nesta estrutura internacional. Desta forma, o estudo da estrutura do Sistema Internacional colaboraria para a compreensão de uma lógica sistêmica responsável, em parte, pelo comportamento entre as unidades.

Neo-Realismo e o processo de repetição

O Neo-Realismo parte do pressuposto de que, independente das movimentações históricas no ambiente internacional, existem certos

³ Ferdinand de Saussure é considerado como um autor proto-estruturalista. A maneira como o mesmo trabalhou a ideia de sistema em suas análises linguísticas foi de extrema importância para o desenvolvimento das ideias estruturalistas, principalmente a partir da década de 50 do século passado.

⁴ Waltz não parte do pressuposto da imutabilidade estrutural. Entretanto, mesmo passíveis de transformações temporais, elementos estruturais mostrar-se-iam menos flexíveis às mudanças. Além disto, o foco de análise de Waltz está mais na lógica gerada por uma configuração sistêmica que nas variáveis que permitem sua mudança (WALTZ, 2002).

elementos que continuam estáveis na realidade. O estudo destes elementos estáticos permite, segundo o autor, entrever determinado padrão de comportamento das unidades, pela identificação de leis gerais rotineiras.

O Neo-Realismo não se preocupa tanto com aquilo que muda, com o que é volátil, contingente, mas sim, com a permanência, com o Ser. Apresentando uma adesão à tradição metafísica ocidental, os autores neo-realistas focam suas análises naquilo que sobrevive à mudança dos tempos. Se Waltz entende que certos eventos atuais permanecem semelhantes a eventos narrados pelo "livro apócrifo dos primeiros macabeus" (WALTZ, 2002, p. 96), então devemos admitir, segundo o autor, que quaisquer mudanças que tenham ocorrido nesse interstício não tenham sido muito significantes para efeito da análise do internacional.

Dada uma estrutura durável, torna-se fácil ignorar os efeitos estruturais porque são repetidamente os mesmos. Então esperamos o mesmo âmbito de resultantes que decorrem das ações dos estados numa condição anárquica. O que continua e se repete é certamente não menos importante do que muda (WALTZ, 2002, p. 101).

Para os autores pós-estruturalistas, esta possibilidade conservadora do sentido de presença, estaria vinculada a dois processos: o apagamento das diferenças e a repetição do diferente.

Em relação ao primeiro – o apagamento das diferenças – estaríamos diante de uma estratégia que ignora, até certo ponto, as transformações de sentidos relacionadas ao fenômeno em questão. Se a lógica do movimento perpassa todo objeto passível de apreensão, somente é possível falar da continuidade do mesmo quando parte de suas propriedades é percebida como estática⁵. A lógica do movimento contínuo, se levada às últimas consequências, impossibilitaria a noção de algo perene. A análise entre momentos distintos não conseguiria identificar o sentido de presença em um objeto se este estivesse em constante mutação. Portanto, a percepção da existência de algo é intrínseca ao apagamento das diferenças geradas pelo processo de movimento, pelo menos em relação a alguns elementos do objeto em questão.

Em segundo lugar, a noção de presença também necessita de um processo de repetição através do qual o sentido de existência seja gerado em contraponto à mudança. Algo só pode ser considerado como presente se é constatada sua permanência no tempo. Para que esta permanência seja gerada, parte de suas características devem ser reproduzidas através do processo de repetição. A constante reprodução de sentidos encontrada no

⁵ Aqui devemos observar que para haver o sentido de continuidade é preciso que o objeto em questão mude apenas algumas de suas partes, mas não todas. Se todas as partes fossem mudadas, não seria o mesmo objeto. Entretanto, se todas as partes continuassem exatamente como são, a característica de continuidade tornar-se-ia obsoleta.

processo de repetição garante que o mesmo seja interpretado como presença e verdade.

A desapareição da face ou a estrutura de repetição não se deixam, pois, dominar pelo valor de verdade. A oposição do verdadeiro e do não-verdadeiro está, ao contrário, inteiramente compreendida, inscrita nessa estrutura ou nessa escritura geral. O verdadeiro e o não-verdadeiro são uma espécie de repetição. E só há repetição possível no gráfico da suplementaridade, acrescentando, na falta de uma unidade plena, uma outra unidade vem supri-la, sendo ao mesmo tempo a mesma o bastante e outra o bastante para substituir acrescentando. Assim, por um lado, a repetição é isso sem o que não haveria verdade: a verdade do ente sob a forma inteligível da idealidade descobre no eídos o que pode se repetir, sendo o mesmo, o claro, o estável, o identificável em sua igualdade a si. E apenas o eídos pode dar lugar à repetição como anamnésia ou maêutica, dialética ou diática. Aqui a repetição se dá como repetição de vida. A tautologia é a vida só saindo de si para voltar a entrar em si. Mantendo-se junto a si na mnéme, no lógos e na phoné. Mas, por outro lado, a repetição é o próprio movimento da não-verdade: a presença do ente perde-se nele, dispersa-se, multiplica-se por minemas, ícones, fantasmas, simulacros etc. Por fenômenos, desde então. E esta repetição é a possibilidade do devir sensível, a não-idealidade. Do lado da não-filosofia, da não-memória, da hipomnésia, da escritura. Aqui a tautologia é a saída sem retorno da vida fora de si. Repetição de morte. Despesa sem reserva. Excesso irreduzível, pelo jogo do suplemento, de toda intimidade a si do vivo, do bem, do verdadeiro (DERRIDA, 2005, p. 122).

Este duplo processo, de apagamento e repetição, gera a crença de que existem fenômenos que não são atingidos pelas mudanças temporais. Aquilo que fica, e que, portanto, pode ser considerado imutável, seria justamente o que supostamente foge à mudança conseguindo, assim, permanecer no tempo mantendo suas principais características. A ontologia do ser, para as correntes mais tradicionais, pressupõe uma presença metafísica, inócua ao processo de mudança e responsável, pelo menos em parte, pelas ações dos agentes⁶. Em última instância, é a repetição do igual – no caso, da noção de Estado – que constrói tanto a possibilidade de presenças perenes, quanto da existência da lógica estrutural no seu sentido clássico.

⁶ Para as abordagens mais tradicionais, a natureza dos indivíduos seria, em parte, responsável pelas ações dos mesmos. Para o Pós-Estruturalismo, seriam as ações as responsáveis pela construção do indivíduo.

Neo-Realismo e a noção de tempo

A afirmação da existência de leis gerais e unidades ontológicas⁷ no ambiente internacional pressupõem a supressão da noção tradicional de tempo, pelo menos para parte do fenômeno analisado. A visão Neo-Realista, que foca na lógica da estrutura internacional, parte de duas premissas interligadas. Primeiro, para se acreditar na existência de regras atemporais, tem-se que aceitar a presença de movimento no sentido temporal. É a comparação de fenômenos imutáveis com outros em constante processo de mutação que permite a constatação de que algo escapa ao fluxo do tempo. Segundo, para que algo seja considerado atemporal, deve possuir determinada essência que permita a localização do objeto, ou fenômeno, em dois momentos distintos da história. A noção de presença requer, necessariamente, a continuidade e repetição de algo ontologicamente inerte no contexto de certas mudanças.

A abordagem de Kenneth Waltz para o sistema internacional é resolutamente preocupada com a continuidade estrutural. A diacronia é estudada sincronicamente; processos referem-se a relações contínuas constrangidas estruturalmente. Contudo que a análise permaneça primeiramente preocupada com a modelagem abstrato da continuidade, isto está, talvez, de acordo com o que deveria ser (WALKER, 1993, p. 116, tradução nossa)⁸.

Neste sentido, não seria possível ao Neo-Realismo trabalhar somente com noções temporais tradicionais. A aceitação do fluxo constante enquanto significativo impediria a existência de leis gerais e da própria noção de estrutura. Por outro lado, a negação radical deste fluxo impediria a própria noção de permanência. Lidando, portanto, em zonas limítrofes aos sentidos temporais, o Neo-Realismo nos apresenta uma ideia de estrutura que sobrevive às mudanças através da aceitação tácita da ontologia das unidades que a compõem. Esta ontologia, entretanto, requer o processo de repetição que apaga as diferenças entre fenômenos situados em dois momentos históricos diferentes construindo, assim, a noção metafísica de presença absoluta.

A lógica estrutural descrita por Waltz pode ser caracteriza, portanto, como a expectativa de presença de determinados elementos que anulam as

⁷ É verdade que, dada sua pretensão cientificista, Waltz nega qualquer preocupação metafísica acerca do internacional. A "estrutura" não seria mais do que uma ferramenta conceitual, não existindo para além da teoria que a concebe (WALTZ, 2002). Todavia, é possível interpretar sua construção analítica como implicando na ontologização de certos fenômenos políticos, uma vez concebidos enquanto padrões de comportamento recorrentes, frutos de correlações tipo-lei.

⁸ Kenneth Waltz's approach to international systems is resolutely concerned with structural continuity. Diachrony is studied synchronistically; process is a matter of ongoing relations constrained by structure. As long as the analysis is primarily concerned with the abstract modeling of continuity, this is perhaps as it should be.

noções mais conservadoras de tempo e permite, assim, a possibilidade do estático no fenômeno analisado. É a subtração da ideia tradicional de tempo enquanto constante movimento que cria as condições para a crença na presença ontológica dos Estados, bem como nas narrativas sobre seus momentos de fundação e na própria ideia de estrutura.

Pós-Estruturalismo e a noção de estrutura

A filosofia francesa da década de 60 construiu as bases da abordagem que ficaria conhecida, nas décadas seguintes, como Pós-Estruturalismo. Sem abandonar por completo os pressupostos das abordagens estruturalistas, os autores pós-estruturais, a exemplo dos seus antecessores, partem do pressuposto que produzir conhecimento significa revelar estruturas de significados presentes nos fenômenos analisados. Entretanto, ao contrário dos autores estruturalistas que consideram estas estruturas como algo logicamente fechado e com coerência e estabilidade próprias, os pós-estruturalistas veem estas estruturas como zonas de instabilidades, cercadas por contradições, movimentos e aporias. Dessa forma, produzir conhecimento, para os pós-estruturalistas, significa denunciar as condições estruturais sobre as quais os fenômenos ganham sentido e, na medida do possível, apresentar alternativas a estas perspectivas tradicionais. A presença de contradições e aporias neste caso, não significaria deficiência de sentido do objeto estudado, e sim, a existência de elementos de instabilidades que são cruciais para o fenômeno ganhar sentido. Ao contrário dos estruturalistas, os autores pós-estruturalistas vêem como falácia a suposta relação objetiva e de representação entre significantes e significados⁹. Conhecer um fenômeno para o Pós-Estruturalismo não significa representar sua lógica estável de funcionamento, e sim, produzir sentido sobre o mesmo levando em conta suas instabilidades e sua inserção no processo de constante movimento que acompanha a consciência da realidade¹⁰.

Ao contrário dos estruturalistas que confinam o jogo da linguagem em estruturas fechadas de oposição, o Pós-estruturalismo deu primazia ao significante em detrimento do significado, e portanto sinalizou a produtividade dinâmica da linguagem, a instabilidade de sentido e o rompimento com os esquemas convencionais de sua representação. Nas teorias tradicionais do sentido, os significantes reside no significado de uma mente consciente. Para o Pós-estruturalismo, ao

⁹ Para os Pós-Estruturalistas o significante é mais importante que o significado. Pode-se concluir, portanto, que só existem significantes e que a própria divisão entre estes dois termos torna-se desnecessária para esta abordagem.

¹⁰ O termo 'realidade' é utilizado, aqui, não em seu sentido tradicional. Realidade para os Pós-Estruturalistas refere-se à construções metafóricas que induzem o indivíduo à crença de uma presença metafísica. Portanto, a partir deste viés, não se pode traduzir realidade como contexto material em detrimento da percepção dos indivíduos. Para o Pós-Estruturalismo, aquilo percebido como real, acaba sendo a própria realidade, tão plural (por variar de indivíduo para indivíduo) quanto legítima, mesmo que de forma temporária.

contrário, o significante é só um momento em um processo de significação infinito no qual o sentido é produzido não como uma relação referencial estável entre sujeito e objeto, ma apenas dentro do jogo intertextual infindável dos significantes (BEST e KELLNER, 1991, p. 20-21, tradução nossa)¹¹.

Nas Relações Internacionais, as abordagens pós-estruturalistas começaram a ser aplicadas a partir da década de 1990 do século passado. Autores como Rob Walker, Cynthia Weber e Lene Hansen adaptaram o instrumental do pós-estruturalismo, principalmente através da desconstrução¹² e do estudo histórico-genealógico¹³, para compreender as condições que possibilitam a construção do conceito de internacional. Trabalhando com narrativas sobre a soberania, identidades e contradições, estes autores buscaram trazer as abordagens derridianas para a compreensão deste campo de conhecimento.

Pós-Estruturalismo e o processo de repetição

As abordagens pós-estruturalistas partem do pressuposto que todos os fenômenos passíveis de compreensão estão em constante movimento. Aquilo que no presente gera determinada acepção está fadado a transformar-se constantemente, adquirindo, a cada novo olhar, um novo tipo de sentido. Desta forma, a sensação de que algo permanece no tempo, de forma intocada, seria mais fruto de um apagamento das diferenças por parte do observador que de uma atemporalidade do objeto contemplado. Somente é

¹¹ Unlike the structuralists who confined the play of language within closed structures of oppositions, the post-structuralists gave primacy to the signifier over the signified, and thereby signaled the dynamic productivity of language, the instability of meaning, and a break with conventional representational schemes of meaning. In traditional theories of meaning, signifiers come to rest in the signified of a conscious mind. For poststructuralists, by contrast, the signified is only a moment in a never-ending process of signification where meaning is produced not in a stable, referential relation between subject and object, but only within the infinite, intertextual play of signifiers.

¹² A Desconstrução refere-se a um dos principais instrumentos do Pós-Estruturalismo. Foi desenvolvida nas obras de Jacques Derrida. Segundo este autor, a cultura ocidental é pautada por abordagens dicotômicas e maniqueístas. A realidade seria constituída por polaridades, ausentes de campos intermediários, nas quais os fenômenos analisados estariam posicionados de um ou outro lado, sem a possibilidade consistente de meio-termos. Sobre esta dualidade há um julgamento moral que, geralmente, privilegia o primeiro termo em detrimento do segundo. Desconstruir é anular estes julgamentos de oposição, não no sentido de inverter por completo as oposições, e sim, de invalidar a própria possibilidade de categorização binária pelo nivelamento valorativo através do qual a realidade é retratada.

¹³ A genealogia é o modelo nietzscheo-foucaultiano de compreensão histórica descontínua para o qual não existe *a priori* que não seja historicamente concebido. Em oposição ao positivismo e à hermenêutica, a história genealógica concebe a verdade não como uma categoria atemporal que ordenaria o entendimento, mas como um conjunto de regras temporamente circunscritas. Nesse sentido, toda sociedade teria uma espécie de regime de verdade (FOUCAULT, 2008). Ademais, a genealogia busca evidenciar os mecanismos de poder e institucionalização da dominação inerentes às práticas discursivas. É uma história dos saberes marginais.

possível dizer que algo permanece, de forma atemporal, se ignoramos as mudanças que ocorrem a todo o momento no fenômeno em questão.

Neste contexto, o processo de repetição dos sentidos exerce papel fundamental na construção da realidade. Da mesma forma que a percepção de existência requer a repetição de determinados sentidos pelo tempo, também é a própria repetição do fenômeno que impossibilita a existência de qualquer essência no sentido ontológico da realidade observável. A repetição, nestes termos, seria algo paradoxal no sentido tradicional uma vez que a mesma seria não a reprodução do mesmo, e sim, a repetição do diferente. Para o Pós-Estruturalismo, o sentido de existência da realidade é dado não a partir de uma presença metafísica dos objetos. É a constante repetição do fenômeno que cria a sensação de que algo permanece no tempo, apesar desta permanência ser sempre arbitrariamente¹⁴ construída.

A presença serve de fundação segura para o pensamento somente se for pura e absoluta. Derrida argumenta, todavia, que não pode haver presença pura. Ao contrário, a "noção da presença é derivada: um efeito das diferenças". Se for considerado, por exemplo, o vôo de uma flecha ao sair do arco não pode ser considerado enquanto presença. A cada instante a flecha se encontra em um ponto particular e portanto não está em movimento. O deslocamento da flecha se torna inteligível somente se aceitarmos que cada instante é desde já marcado por seu passado e futuro (ZEHFUSS, 2002, p. 198, tradução nossa)¹⁵.

O pressuposto do constante movimento gera, para o Pós-Estruturalismo, a impossibilidade da noção de presença e ontologia em termos absolutos. Se a noção de realidade está em constante movimento, o sentido de existência de algo em termos atemporais torna-se inviável.

Os conceitos de repetição estão presentes na quase totalidade das abordagens teóricas. Sendo citados de maneira explícita, ou apresentando-se de forma tácita, o processo de repetir e as noções temporais possuem laços estreitos com as noções de ontologia e estrutura. Dependendo do sentido que se usa o termo, o significado destes dois últimos elementos pode variar de forma considerável.

Para as abordagens mais tradicionais, como o Neo-Realismo, repetir significa reproduzir o igual. Em outras palavras, somente é passível de repetição aquilo que possui sentido de presença e, em última instância, que revela uma essência na sua composição. O foco em fenômenos imutáveis no

¹⁴ Arbitrário aqui, não no sentido de randômico, e sim, como algo escolhido, dentre várias possibilidades, por critérios não necessariamente objetivos.

¹⁵ Presence can serve as a secure foundation for our thought only IF it is given, pure and absolute. Derrida argues, however, that there can be no pure presence. On the contrary, the "notion of presence is derived: an effect of differences". If one considers, for instance, the flight of an movement of the arrow cannot be thought as presence. At any instant the arrow is at a particular spot and thus not in motion. The motion of the arrow becomes conceivable only if we accept that every instant is already marked by its past and future.

ambiente internacional tem como base a possibilidade da repetição neste sentido. Leis gerais e previsibilidade de comportamentos estão associadas à presença de unidades ontológicas e à necessidade de repetição destes sentidos de existência. Para o Neo-Realismo, a própria noção de estrutura internacional está condicionada à possibilidade da repetição.

Segundo o Pós-Estruturalismo, este tipo de repetição, no sentido mais tradicional, não seria possível. Trabalhando com a ideia de um fluxo constante de sentidos, autores pós-estruturalistas rejeitam a possibilidade de repetição do igual, pois as instabilidades dos sentidos dados à realidade impossibilitam a reprodução do mesmo em termos absolutos. A cada momento em que a noção de existência é criada, uma diferença entre o sentido anterior e o presente torna-se inevitável. Repetir, para estes autores, seria renovar-se a partir de referências passadas, mas com a criação de algo que mantém, de forma efêmera, o *status* de perenidade. Se não há presença plena, em primeiro lugar, não pode haver representação desta. O significado dado aos fenômenos, desta forma, não estaria na existência de uma ontologia, e sim, na possibilidade de inovação constante mantendo o *rastro*¹⁶ de uma lembrança passada.

Pós-Estruturalismo e a noção de tempo

A negação do caráter ontológico dos fenômenos, feita pelo Pós-Estruturalismo, requer a adoção de uma visão tradicional de tempo. Este fato deve-se à necessidade de referências atemporais para a percepção da mudança e sua consequente negação do caráter ontológico do ser.

O Pós-Estruturalismo parte de uma perspectiva que não somente nega a ontologia dos fenômenos como, também, relativiza toda concepção de momento fundador da realidade. As relações de causa e efeito, a possibilidade de presença metafísica ou a crença de que tudo possui um início absoluto são refutados pelos pós-estruturalistas uma vez que um determinado conceito somente ganha sentido a partir de outro conceito oposto a este. Desta forma, para o Pós-Estruturalismo, toda noção de sentido só é possível através da auto-referência entre dois ou mais termos.

Partindo do pressuposto pós-estruturalista, segundo o qual tudo que possui sentido de existência está em constante mudança, podemos deduzir que somente é passível de ser considerado mutável aquilo que se contrapõe ao seu oposto, ou seja, o imutável. Para que se considere algo em movimento é necessária a referência estática como parâmetro. Este ponto norteador de toda relativização feita pelo Pós-Estruturalismo é, quase sempre, a noção

¹⁶ Rastro, no sentido derridiano, refere-se à parte de um sentido ainda presente no seu substituto. Como o Pós-Estruturalismo adota o pressuposto de fluxo constante, a única possibilidade de algo gerar sentido seria mantendo algum tipo de signo passado como referente. Para Derrida, isto não significa a conservação de sentidos em termos plenos, e sim, uma artificialidade do presente em nome de um suposto passado (DERRIDA, 2005b).

conservadora de tempo que trabalha com a ideia de constante movimento¹⁷. Para que determinado sentido seja considerado em constante transformação, é necessário que as categorias que dividem passado/presente/futuro sejam conservadas. A noção da impossibilidade estática em termos históricos e a própria possibilidade de se afirmar o constante movimento tem como premissa a existência deste tempo no sentido mais tradicional do termo. É preciso ter como pressuposto a presença de uma história contínua e metaforicamente horizontal, com início e fim separados em cada uma de suas respectivas polaridades, para que o eterno movimento seja legitimado. Somente é possível falar de um movimento constante se aceitamos a ideia de momentos que se sucedem de forma infinita.

A questão da ausência de aspectos ontológicos nos fenômenos relaciona-se diretamente com estas premissas. A negação da possibilidade de ontologia passa pela verificação da não continuidade temporal. Entretanto, para que esta não continuidade seja percebida, é preciso que as categorias temporais continuem a operar segundo suas próprias lógicas. Para que o Pós-Estruturalismo possa negar a existência de uma essência atemporal, a noção de tempo utilizada deve conservar-se tradicional. O Pós-Estruturalismo relativiza a condição estática dos objetos aceitando a dinâmica que separa as categorias de tempo tradicionalmente já estabelecidas.

Neo-Realismo e Pós-Estruturalismo: tempo, repetição e estrutura

De acordo com Kierkegaard, citado por Caputo (1987), o conceito de repetição, apesar de supostamente significar algo único, pode trazer duas possibilidades de interpretação: *recollection* e *repetition*. Cada uma delas refere-se a um processo em específico.

A primeira, *recollection*, refere-se à possibilidade de algum fenômeno voltar ao seu ponto de origem, reproduzindo aquilo que já havia acontecido em algum lugar do passado. Neste sentido, repetir significaria voltar a um determinado momento de fundação no qual a origem do fenômeno sirva de parâmetro para se constatar a duplicidade do acontecimento. Repetir, neste sentido, seria adotar o processo de sempre reproduzir o que já aconteceu. Porém, esta interpretação traz consigo alguns pressupostos. Primeiro, o pressuposto do mito de origem. Somente seria possível operar o processo de reprodução a partir de uma referência original. Se algum dia determinado fenômeno perder o referencial de sua origem, a própria possibilidade de repetição nestes termos estaria inviabilizada. Segundo, a repetição enquanto *recollection* refere-se a uma tradição que acredita na existência de uma ontologia nos fenômenos. Isto significa que, para que haja reprodução do original, esta suposta matriz a ser reproduzida deve não somente se localizar no passado como, também, precisa possuir uma essência atemporal para que o caráter de originalidade seja mantido.

¹⁷ Poucos autores dedicam-se à desconstrução do conceito de tempo/história. Um exemplo desta possibilidade pode ser encontrado na obra "The Limits of History" de Fasolt (2004).

O segundo tipo de repetição, *repetition*, seria a possibilidade de se repetir inovando. O fenômeno do *repetition* estaria mais ligado à reprodução inovadora que à simples volta ao passado. Repetir nestes termos, não significa reproduzir algo original ou possuir um momento de fundação que sirva de referência. Repetir significa, em extremos, a reprodução do novo, daquilo que nunca existiu, apesar de ainda possuir referências no passado. Esta abordagem da repetição afasta-se tanto das possibilidades de existências ontológicas quanto da crença de um momento original. A reprodução e criação estariam aqui, servindo de base para algo que continua no tempo inovando-se de forma constante. Ao contrário do *recollection* que procura repetir o igual, a noção de *repetition* busca a permanência pela transformação.

Apesar das diferenças nas abordagens sobre o conceito de repetição, o que se verifica é que as duas estratégias não são excludentes na construção de sentido. A falta de referências interpretativas que os sentidos enfrentam – devido ao movimento dos signos mantido, em parte, pela noção de *recollection* – é remediada pela aplicação da repetição no sentido de inovação.

Sem a reminiscência [*recollection*] ou a repetição [*repetition*] não há nada senão o fluxo, nada senão um turbilhão sem sentido. A reminiscência silencia o turbilhão, a Repetição encontra um jeito de manter a sanidade no meio dele. A reminiscência entende que tudo de mais importante já aconteceu. A repetição estipula que a atualidade deve ser continuamente reproduzida, trazida de novo, de novo e de novo. A Identidade deve ser estabelecida, produzida. A Identidade, como Derrida diria, é um efeito da repetição (CAPUTO, 1987, p. 17, tradução nossa)¹⁸.

Recollection seria a noção de tempo adotada pelo Neo-Realismo. A busca por uma origem e a permanência de características passadas configurariam as bases para a crença em algo permanente, não passível de mudanças temporais. O pressuposto de existência de um momento fundador e a possibilidade de permanência do Ser no decorrer do fluxo constante seriam as características deste tipo de repetição que cria as condições sob as quais se assentam as ideias ontológicas.

Já o conceito de repetição, enquanto *repetition*, seria adotado pelo Pós-Estruturalismo. A possibilidade de repetição do diferente e a busca do passado em categorias presentes caracterizariam a abordagem pós-estrutural. Ao mesmo tempo em que negaria a possibilidade de ontologias e a

¹⁸ Without either recollection or repetition there is nothing but the flux, nothing but a meaningless turmoil. Recollection stills the turmoil; repetition finds a way to maintain one's head in the midst of it. Recollection says that everything important has already been. Repetition says that actuality must be continually produced, brought forth anew, again and again. Identity must be established, produced. Identity, as Derrida would say, is an effect of repetition.

presença de categorias inertes, a noção de *repetition* possibilitaria o sentido de presença pela inovação.

Entretanto, se verificarmos as condições sobre as quais estes dois tipos de repetição se fazem possíveis, vamos concluir que somente é possível trabalhar com a ideia de *recollection* negando sentido à passagem do tempo. Para que algo seja considerado estático devido a uma suposta natureza perene, temos que anular a categoria de tempo enquanto fluxo significativo, pelo menos, para o objeto em questão. O contrário também se verifica. Para haver *repetition*, é preciso trabalhar com noções conservadoras de tempo, nas quais a progressão e transformação semântica *ad infinitum* se faz presente. Sem a visão de tempo enquanto um agente da mudança de sentido, não é possível desconstruir ideias ontológicas. A negação de um momento fundador passa, necessariamente, pela aceitação do tempo tradicional e sua divisão entre passado, presente e futuro. Assim como, a possibilidade de imutabilidade de certos elementos necessita anular a crença neste fluxo contínuo.

Desta forma, o Neo-Realismo, com sua ideia de estrutura fixa e análise daquilo que não se torna objeto de mudança adota, necessariamente, categorias que negam o tempo no sentido tradicional de progressão. Para haver realidades ontológicas e possibilidades de análise do estático, é preciso que as unidades estudadas sejam isoladas da noção de movimento.

Já para o Pós-Estruturalismo negar a noção de ontologia e de possibilidade de estruturas estáticas é preciso que esta abordagem adote a visão conservadora de tempo progressivo. O pressuposto do eterno turbilhão de movimentos só se torna possível com a aceitação da metáfora do tempo em constante progressão. Sem a crença na divisão entre fenômenos que se situam no passado, em contraponto aqueles que se situam no presente, a ideia de movimento constante não se sustentaria.

Em resumo, podemos afirmar que tanto o Neo-Realismo, quanto o Pós-Estruturalismo, somente conseguem sustentar suas principais categorias de análises, a partir da aceitação contrária da noção de tempo encontrada em ambas as abordagens. O Neo-Realismo consegue gerar a noção de estruturas estáticas negando visões tradicionais sobre o tempo. Já o Pós-Estruturalismo precisa aceitar o tempo no sentido conservador de eterna progressão para que o movimento constante das suas metáforas estruturais faça sentido.

Conclusão

Toda abordagem teórica traz consigo alguns pressupostos e adesões tácitas a determinadas perspectivas filosóficas. Dentre os elementos geralmente não discutidos de determinadas abordagens estão aqueles que se referem a noções temporais. O caso do Neo-Realismo e Pós-Estruturalismo em Relações Internacionais não é diferente. As afirmações feitas por estas perspectivas partem de noções temporais específicas, essenciais no suporte lógico destas abordagens.

Como nenhuma abordagem mais conservadora é construída apenas de visões tradicionais do campo e como, também, nenhuma abordagem alternativa consegue se esquivar totalmente das tradições, é possível encontrarmos perspectivas conservadoras que anulam conceitos tradicionais e pontos-de-vista alternativos que adotam a tradição em relação a determinados elementos.

Ao analisarmos os princípios do Neo-Realismo, notamos que sua ideia de estrutura internacional está diretamente relacionada à possibilidade de existência de elementos que não mudam com o tempo. Esta necessidade do perene pressupõe uma lógica ontológica que reifica a noção da presença das unidades que, por sua vez, criam a noção de estrutura.

No entanto, para se crer em algo imutável, não passível de modificações temporais, tem-se que anular a ideia tradicional de tempo enquanto algo em constante fluxo significativo. Os elementos descritos como estáticos, pelos neo-realistas, somente se caracterizam como tal a partir do momento em que se ignora as mudanças provocadas pelo tempo em relação ao objeto em questão. O Neo-Realismo que, em princípio, foca seu arcabouço teórico na ideia de *recollection*, precisa anular as noções conservadoras de tempo enquanto fluxo constante para estabilizar sua lógica analítica.

Já o Pós-Estruturalismo trabalha com a ideia de constante fluxo estrutural. As metáforas estruturais utilizadas por esta abordagem partem do pressuposto da constante instabilidade dos fenômenos analisados e da presença constante de aberturas que desestabilizam os sentidos a cada novo momento. Sua noção de repetição aproxima-se do conceito de *Repetition*, ou seja, a noção de presença construída pela constante inovação. A busca pela estabilidade leva à crença artificial na possibilidade de estática, o que, segundo os Pós-Estruturalistas não passaria de uma ilusão. Entretanto, para que a ideia de constante movimento seja creditado às lógicas estruturais, é necessária a adoção de noções conservadoras temporais. Podemos dizer que o tempo, como movimento contínuo, com a possibilidade de divisão entre passado, presente e futuro é condição *sine qua non* para a ideia de mutabilidade. Sem o pressuposto das categorias históricas mais conservadoras, o Pós-Estruturalismo não teria como justificar sua visão de animação contínua da realidade por falta de referencial como contraponto contextual.

Analisadas em conjunto, podemos afirmar que, tanto as abordagens Neo-Realistas, quanto as Pós-Estruturalistas, trabalham com a ideia de estruturas. Enquanto o Neo-Realismo pressupõe estruturas estáveis, fechadas e estáticas, o Pós-Estruturalismo trabalha com a ideia de estruturas instáveis, abertas e em constante mudança. A condição para a existência da estrutura no sentido Neo-Realista é que a mesma se esquive da lógica temporal clássica, segundo a qual, todo fenômeno mundano está em constante transformação. Já a condição para a aceitação do conceito de estrutura para o Pós-Estruturalismo, passa pela aceitação da categoria de tempo tradicional, segundo a qual, tudo está em constante movimento. O Neo-Realismo constrói sua ideia de estrutura através do *recollection*, enquanto o Pós-Estruturalismo

utiliza a repetição enquanto *repetition*. Entretanto, o recurso ao *recollection* só faz sentido se o contexto pressupor a *repetition*. Assim como, a noção de *repetition* somente se sustenta em um contexto de *recollection*. Nenhuma abordagem teórica sobrevive à negação absoluta de categorias de abordagens concorrentes. No caso das duas perspectivas em questão, verifica-se que a base de sustentação de cada uma delas, passa pela aceitação tácita de algumas categorias da abordagem oposta. A necessidade de referências como contraponto às afirmações recíprocas leva à legitimação tácita de noções de tempo que são externas às suas próprias lógicas.

Cristiano Mendes é Doutor em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e Professor do Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
E-mail: cristianomendes@gmail.com

Henrique Furtado é Mestrando em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).
E-mail: htfurtado@gmail.com

Referências

BEST, Steven; KELLNER, Douglas. *Postmodern Theory: critical interrogations*. New York: The Guilford Press, 1991.

CAPUTO, John D. *Radical Hermeneutics. Repetition, deconstruction and the hermeneutic project*. Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FASOLT, Constantin. *The Limits of History*. Chicago: Chicago University Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Ed.). *Microfísica do poder*. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008. p. 15-38.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Samlede Værker*. Copenhagen: Gyldendal, 1901. v. III.

WALKER, Rob B. J. *Inside/Outside: international relations as political theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

WALTZ, Kenneth Neal. *Theory of international politics*. Boston: McGraw-Hill, 1979.

ARTIGOS

_____. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002.

ZEHFUSS, Maja. *Constructivism in International Relations: the politics of reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Texto recebido em 14/01/2012.

Aprovado em 20/07/2012.